



JUSTIÇA

Exploração punida

A Editora Abril é condenada a pagar cerca de US\$ 2 milhões a tricampeões mundiais de futebol pelo uso indevido de imagem

A Editora Abril amargou uma nova e fragorosa derrota no curso do processo que contra ela movem os herdeiros de Mané Garrincha e mais cinco ex-jogadores vivos do selecionado brasileiro – Carlos Alberto Torres, Jairzinho, Brito, Dida e Paulo César Lima Caju – pelo uso indevido de suas imagens. A Abril e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – sócias na publicação do álbum de figurinhas *Heróis do tri*, em 1989, que deu início à querela judicial – haviam conseguido reduzir o valor da indenização aos jogadores, estipulada inicialmente por um perito em US\$ 2 milhões, a serem distribuídos entre eles, para US\$ 200 mil. Na terça-feira 24, atendendo ao apelo dos advogados Francisco Franco Oliveira e Luís Sales Nobre, o desembargador Cláudio Viana de Lima, da 6ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, concordou que este último cálculo não deve prevalecer, e o valor da indenização tem de ser reavaliado.

O processo, que já dura quatro anos, não acaba por aí. Na próxima etapa, a ré Abril vai recorrer ao Supremo Tribunal de Justiça, a instância mais avançada, em Brasília, para regatear em cima do valor. Não há mais dúvida, no entanto,

sobre a questão do mérito. A Justiça concluiu que houve “abuso” por parte da CBF e da Abril – e agora só lhes resta pagar, embora ainda não se saiba exatamente quanto. Mesmo para um leigo, parece claro que os jogadores que aparecem no *Heróis do tri* teriam de ser obrigatoriamente consultados antes da publicação. Mas a Abril decidiu desprezar o detalhe e fazer um negócio privado, envolvendo ela e a CBF apenas. “Que a CBF tenha agido dessa maneira por inexperiência até que se compreende”, diz o advogado Franco Oliveira. “No caso da Abril, com toda a sua prática em matéria de direitos autorais, é uma coisa inadmissível.”

Por causa disso, os jogadores que se sentiram lesados vêm ganhando a causa em todas as instâncias. Quando o *Heróis do tri* foi lançado, o antigo zagueiro central da seleção Hércules Brito Ruas – o Brito, hoje com 55 anos – surpreendeu-se ao ver sua foto servindo de chamariz para a publicação. Considerou-se, de imediato, vítima de uma tramóia, e foi procurar os advogados. “Não tenho dúvida de que agiram de má-fé”, diz ele. “Usaram e abusaram da nossa imagem. Se eles, na época, tivessem nos procu-



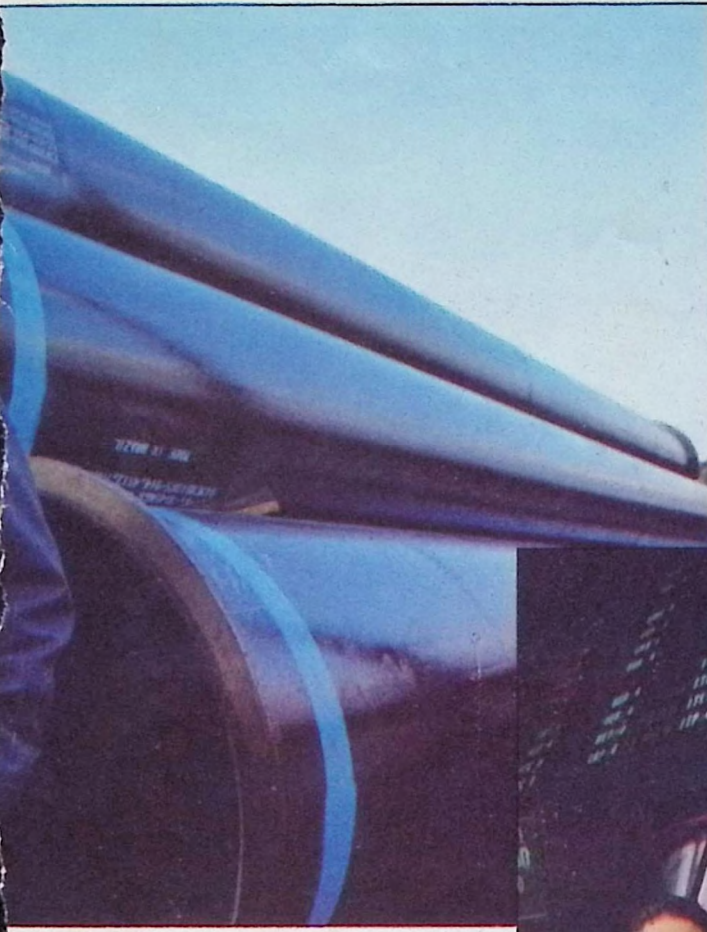
RICARDO BELIEL

Vavá, Jair, Orlando e Zezé Moreira foram ao julgamento. Pela figura incluída no álbum, a família de Garrincha pode levar US\$ 900 mil

rado e oferecessem participação, teriam gasto muito menos dinheiro do

que vão gastar.” Jair Ventura Filho – Jairzinho, o “furacão da Copa” de 1970 – também sentiu-se “ludibriado” quando viu o álbum e decidiu recorrer à Justiça.

Conforme a última decisão, os US\$ 2 milhões fixados inicialmente seriam assim distribuídos: US\$ 900 mil para a família de Garrincha, US\$ 300 mil para Carlos Alberto Torres, Jairzinho e Brito e US\$ 100 mil para Dida e Paulo César Caju. O problema maior, para a Abril, é que as indenizações devem ainda multiplicar-se ao infinito com a adesão de novos interessados. Ao todo, 72 pessoas aparecem no álbum *Heróis do tri*, entre técnicos, jogadores titulares e reservas que participaram das Copas de 1958, 1962 e 1970. Animados com os resultados da primeira ação, outras levadas de jogadores se preparam também para recorrer. Zagalo já havia assinado uma procuração, mas retirou-a, prudentemente, quando foi escalado para técnico da seleção de Parreira. Pelé não quis entrar na Justiça porque tem negócios pessoais com a Editora Abril. Mas os outros encaminharão com certeza ações à Justiça. Nesta segunda-feira 30, 12 antigos craques, entre eles Bellini, Vavá e Nilton Santos, começam a pleitear indenizações.



Narcisi investirá US\$ 250 milhões em cinco anos na siderúrgica paulista: "A Cosipa é porto e ponto"

O leilão na Bovespa: martelo batido para lance de US\$ 331 milhões, o dobro do preço pedido pelo governo

siderúrgica é, portanto, bom negócio para os distribuidores. Ainda mais porque a Cosipa era a penúltima usina a ser privatizada, só restando agora a Açominas, cujo leilão deverá ser na sexta-feira 10. Porém, outras versões desse polêmico negócio pipocam no sistema financeiro, no BNDES e até em Brasília, especialmente quando Narcisi se refere à Usiminas, arrematada pelo consórcio liderado pelo Banco Bozano Simonsen. O empresário deixa transparecer um ansioso brilho nos olhos quando fala sobre a idéia de ter a Usiminas como sócia. "Gostaríamos muito de ter a Usiminas conosco, até porque o modelo das duas usinas é parecido", afirma.

Segundo um grande corretor, habitual participante dos leilões de privatização, a

Até o dia 6 de setembro, data da assembleia que elegerá o novo conselho de administração da usina, o empresário pretende ter fechada a escalafão dos novos acionistas que o assessorarão em três frentes: financeira, gerencial e técnica. Narcisi, que não esconde nada entender de siderurgia, está disposto a abrir mão de ser o sócio majoritário, mas "desde que nenhum outro acionista o seja". Ele já teria marcado reuniões com a Acesita, a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), CSN e Usiminas. O empresário tem planos de conseguir um acordo que permita transferir a fábrica da Brastubo, hoje localizada na zona oeste de São Paulo, para Cubatão, na área da Cosipa. "Isso barateará nossos custos", afirma. Mas ressalva que o projeto maior é salvar a Cosipa e torná-la competitiva no mercado internacional. "Em dois anos teremos caixa operacional e poderemos obter lucro", diz, embora admita que o investimento de US\$ 250 milhões previsto para a empresa em cinco anos é "bastante conservador".

A venda da Cosipa está sendo considerada, no entanto, um grande negócio imobiliário. O próprio Narcisi gosta de repetir que a Cosipa é "porto e ponto". Talvez aí esteja explicado o interesse não só do grupo dos seis como também do consórcio que controla a CSN, e de outros empresários de siderurgia. "A usina vale como



MASIO GOTO FILHO/ABE

porto (Santos) e pelo seu laminador novo", diz um empresário do setor. Imagina-se que, como um bom ponto e um bom porto, a usina poderá ser vendida brevemente sob o raciocínio de que, como siderúrgica, é um excelente imóvel. Há quem diga que o eventual futuro comprador já está entre os acionistas minoritários. "A empresa Rio Negro é o nome de fantasia da gigante Mitsubishi como distribuidora de aço", diz um empresário que compra aço. Pode até ser um sinal de que a Cosipa tem chances de se tornar japonesa.

A primeira vista, a vitória do grupo liderado pela Brastubo no leilão da Cosipa passou a impressão de ter sido a revanche dos distribuidores de aço que temiam o monopólio dos produtores privados dessa matéria-prima. Depois da privatização da CSN e da Usiminas, o mercado siderúrgico se tornou competitivo. A CSN tem vendido a matéria-prima com quase 40% de desconto. Uma

Usiminas (leia-se Júlio Bozano) estaria por trás da compra da Cosipa. Diga-se que apenas as duas produzem chapa grossa. Se o Bozano ou a própria Usiminas aparecessem no leilão da siderúrgica paulista, estaria caracterizada a formação de monopólio. O leilão poderia ser anulado se eventuais prejudicados entrassem com processo de suspensão da liquidação na Secretaria de Direito Econômico (SDE), do Ministério da Justiça, que trata da questão dos monopólios. A ausência do Bozano no último leilão se explica ainda pelo fato de o banco ser controlador de mais uma siderúrgica — a CST. Na época do leilão da CSN, o ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero de Vasconcellos, já fizera críticas à participação do Bozano em um terceiro leilão. Narcisi admite que o Bozano, além de ter funcionado como corretora, é um de seus financiadores. Mas garante que há outras âncoras financeiras que possibilitaram seu impressionante salto empresarial, embora prefira não revelá-las. ■